

ANÁLISE INTERSECCIONAL DO DESFILE CARNAVALESCO DA MOCIDADE UNIDA DA GLÓRIA (VITÓRIA/ES, 2023)

Elisa Wanderlei¹ , Pollyana Contarini¹ , Antonio Sgarbi¹ 

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo desenvolver uma análise interseccional do discurso veiculado no desfile da Escola de Samba Mocidade Unida da Glória (Mug), de Vila Velha-ES, campeã do carnaval de Vitória/ES em 2023. Com o enredo “A caminho das terras do sol poente” a escola homenageou a cidade de Colatina, localizada a noroeste do estado do Espírito Santo (Brasil), que em 2021 completou 100 anos. Narrou a história da cidade desde a sua colonização, passando pela construção da estrada de ferro Vitória-Minas, pelo ciclo do café e pela industrialização. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, exploratória, a partir da análise do discurso (e do silêncio) apresentado na avenida, investigando algumas gravações, de emissoras de rádio e televisão locais, do desfile da Mug à luz dos conceitos de interseccionalidade e de fronteiras. Concluiu-se, com tal análise, que o desfile da Mug foi mais uma forma de minimizar e apagar o funcionamento da dominação de forma integral nos domínios da organização social da cidade de Colatina e da região do Vale Capixaba do Rio Doce, contribuindo assim para desautorizar as tentativas de resistência e libertação tanto do povo colatinense como da população da região em geral.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Fronteiras, Análise interseccional do discurso, Desfile carnavalesco, Mocidade Unida da Glória.

INTERSECTIONAL ANALYSIS OF THE CARNIVAL PARADE OF MOCIDADE UNIDA DA GLÓRIA (VITÓRIA/ES, 2023)

ABSTRACT

This research aimed to develop an intersectional analysis of the discourse conveyed in the parade of the Samba School Mocidade Unida da Glória (MUG), from Vila Velha-ES, champion of the carnival of Vitória/ES in 2023. With the plot “On the way to the lands of the setting” the school honored the city of Colatina, located northwest of the state of Espírito Santo (Brazil), which in 2021 completed 100 years. It narrated the history of the city since its colonization, through the construction of the Vitória-Minas railroad, the coffee cycle and industrialization. A qualitative, exploratory research was carried out, based on the analysis of the discourse (and silence) presented on the avenue, investigating some recordings, from local radio and television stations, of the Mug parade in the light of the concepts of intersectionality and borders. It was concluded, with this analysis, that the Mug parade was another way to minimize and erase the functioning of domination in all domains of the social organization of the city of Colatina and the region of the Vale Capixaba do Rio Doce, thus contributing to disallow the attempts of resistance and liberation of both the people of Colatina and the population of the region in general

Keywords: Intersectionality, Borders, Intersectional discourse analysis, Carnival parade, United Youth of Glory.

¹ Instituto Federal do Espírito Santo - IFES.

Autor Correspondente: Elisa Wanderlei

E-mail: elisaconstantinowanderlei@gmail.com

Recebido em 28 de Julho de 2023 | Aceito em 17 de Outubro de 2023.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que uma Escola de Samba é um espaço social de educação e ação cultural e que, por conseguinte, são objeto de inúmeros estudos no campo educacional, como em Cavalcanti (1999), Gordo (2015), Tramonte (2001), Maranhão (2020), e outros mais. Nesse espaço social acontecem interações e ações em diversos âmbitos, como o pedagógico, econômico, político, histórico, artístico e cultural. É de conhecimento geral também que a ação formativa das Escolas de Samba atinge não só os envolvidos no “Mundo do Samba”, mas também o público que as acompanha. Sabe-se, portanto, que o carnaval, em especial os desfiles proporcionados pelas escolas de samba, espaço não formal de educação, têm participação na consolidação da cultura bem como no desenvolvimento da formação cidadã, como um tipo de educação não formal (Jacobucci, 2008; Gohn, 2010).

No entanto, tal espaço educacional, que pode resgatar a identidade histórica de um povo, denunciar injustiças, manter a luta e a resistência dos esquecidos da história, pode ser colonizado a ponto de se tornar um espaço propagador de imagens de controle a serviço de uma elite que quer se manter no poder. Assim sendo, é necessário manter uma visão crítica da atuação das escolas de samba para que as mesmas possam ser fiéis às suas origens.

É neste sentido que propomos analisar o discurso veiculado pela Escola de Samba Mocidade Unida da Glória (Mug), de Vila Velha/ES, campeã do carnaval de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, em 2023. Com o enredo “A caminho das terras do sol poente” a escola homenageou a cidade de Colatina ES, que em 2021 completou 100 anos. O desfile contou a história da fundação e do desenvolvimento da cidade. A hipótese dessa pesquisa investiga como este desfile da Mug apresentou uma narrativa linear e positivista da história, que apaga conflitos e exalta colonizadores e imigrantes como unicamente responsáveis pelo desenvolvimento local. Abordamos ainda como a leitura interseccional de tal narrativa pode revelar aspectos da realidade que foram apagados no discurso apresentado. Surgiu, assim, a nossa pergunta de pesquisa: como a leitura, à luz do conceito de interseccionalidade, do discurso veiculado no desfile da Mug no carnaval de 2023 pode revelar aspectos da realidade que são apagados na forma de ler a história como foi apresentada? Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo fazer uma análise interseccional do discurso veiculado no desfile da Escola de Samba Mocidade Unida da Glória (Mug), de Vila Velha-ES, campeã do carnaval de Vitória/ES em 2023.

Para desenvolver tal discussão, traçamos um breve referencial teórico tomando o conceito de interseccionalidade, dialogando com o conceito de fronteira, segundo Collins & Bilge (2021) e Martins (2009), respectivamente. Traçamos a seguir nossa metodologia, ou seja, uma pesquisa qualitativa e exploratória que se desenvolve a partir da análise do discurso, e dos silenciamentos, trazido pela Mug em seu desfile de 2023 e a seguir trabalhamos alguns dados da escola no contexto do carnaval capixaba Vitória-ES, para posteriormente descrever sinteticamente o desfile e analisá-lo à luz do referencial teórico. Fechamos o texto reforçando a importância de lançar um olhar crítico sobre narrativas históricas que nos são apresentadas para alcançar uma melhor compreensão da realidade e reafirmando a importância do conceito de interseccionalidade como ferramenta analítica dos mais variados discursos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste nosso estudo que busca realizar uma análise interseccional de um discurso, dedicamos este espaço para discutir pontos do conceito de interseccionalidade que julgamos serem pertinentes para nossa análise. Completando tal conceito, discutimos também alguns elementos do conceito de fronteira, conforme os estudos de Collins (2017; 2021) e de Martins (2009) respectivamente.

2.1 INTERSECCIONALIDADE

A Interseccionalidade, conceitualmente, foi um termo concebido pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw ao estudar racismo e sexismo e observar a limitação das políticas públicas ao dimensionar os que são afetados. Equivalente a essa estudiosa, temos Patrícia Hill Collins e seu uso do conceito da interseccionalidade sobretudo no espectro de mulheres negras nos Estados Unidos, demonstrando a adaptabilidade e coalizão de diferentes formas de opressão como colonialismo, capitalismo, patriarcalismo entre outros.

Segundo Collins (2017), embora não haja uma definição que seja padrão de interseccionalidade, pode-se mapear pontos comuns nas diversas compreensões sociais, sendo também a percepção de que problemas diversos encontrados na sociedade podem refletir como diversos atores sociais que se encontram diante das relações de poder, tanto de contextos históricos quanto de contextos sociais e particulares, e irá refletir como esses atores sociais estão situados dentro das relações de poder de contextos históricos e sociais particulares.

O conceito de interseccionalidade (Collins, 2021) se desenvolve a partir da análise das relações de poder existentes na sociedade sob a ótica de uma matriz de dominação, concluindo-se que a “elite tem interesse em minimizar e apagar o funcionamento da dominação em todos os domínios da organização social” (Collins, 2017, p. 25, tradução nossa)¹. Nesse sentido, trata a dominação política como algo que é comum, e a resistência à mesma como sendo algo incomum e excepcional. Para Collins (2021), a matriz de dominação relaciona-se aos níveis de poder, controle e opressão entre os diferentes grupos sociais (como se reconhecem com uma mesma identidade, se interconectam).

Também refletindo sobre o conceito de interseccionalidade, afirmam Sales & Nunes (2021, p. 6) que “a interseccionalidade refere-se às formas como os diferentes marcadores sociais interagem entre si, influenciando a forma como experienciamos a vida em sociedade”.

Em seu artigo intitulado “A diferença que o poder exerce: Interseccionalidade e Democracia Participatória” (The Difference that Power Makes: Intersectionality and Participatory Democracy), já referenciado acima, Patrícia Hill Collins (2017) discute as estruturas dos domínios de poder e seus 4 elementos principais na heurística, o domínio de poder: estrutural (hierarquia social que toma forma dentro de instituições), disciplinar (uso de regras do cotidiano e de políticas públicas para manutenção ou desafio da hierarquia social e suas ações), cultural (instituições sociais e práticas que produzem ideias hegemônicas que justificam injustiças sociais, assim como as contra hegemônicas criticam as mesmas) e interpessoal (miríade de experiências que indivíduos têm nas opressões interseccionais).

Apesar dessa miscelânea, a estruturação e conhecimento possibilitam dessa forma o reconhecimento de grupos e suas demandas ‘individuais’ na sociedade. Um ponto excepcional é: implicações da Interseccionalidade e Democracia participatória. Abordando que os dois conceitos se relacionam e sua primazia ao buscarem a política solidária, apesar de que no caso da democracia, o neoliberalismo e a elite mascarem bem a pauta de grupos oprimidos e continuam mantendo seu domínio, sendo um exemplo de como representantes de grupos subordinados/oprimidos aparentemente poderiam participar de níveis de governança, porém eles acabam tendo uma visibilidade sem autoridade (Collins, 2017). Uma solução apontada por Collins para driblar tal situação é não manter uma fachada de como seria uma política pública, o justo mostra-se quando a solidariedade flexível reconhece que essa opressão interseccional molda como indivíduos e grupos entendem a injustiça social. Dessa forma, ter verdadeiros representantes, valorizar comunidades que compartilharam história e cultura dentro de sistemas de dominação, integração escolar, incluir o cidadão na gestão de políticas públicas e fomentar movimentos sociais de forma que tomem ações dentro do governo, empresas e cotidiano são exemplos de como a interseccionalidade de grupos conscientes de sua história e cultura podem combater a fria e metódica interseccionalidade de poderes.

1 “In contrast, elite groups have a vested interest in minimizing and erasing the workings of domination in all domains of social organization.” (Collins, 2017, p.25).

2.2 FRONTEIRAS

Para o sociólogo Brasileiro José de Souza Martins

O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. E esse é, certamente, o aspecto mais negligenciado entre os pesquisadores que têm tentado conceituá-la. Na minha interpretação, nesse conflito, *a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade*. (Martins, 2009, p. 133. Grifo do autor).

Para o autor, a fronteira como lugar de descoberta do outro é também lugar dos desencontros com o diferente: o índio com os que se dizem civilizados, do latifundiário com os despossuídos. Desencontros entre visões diferentes e também de temporalidades diferentes. O sociólogo ainda faz distinção entre a fronteira econômica de um território, ou a frente pioneira dos geógrafos, e a frente de expansão, que é a fronteira demográfica dos antropólogos. Martins distingue as duas ao afirmar:

[...] adiante da fronteira demográfica, da fronteira da ‘civilização’, estão as populações indígenas, sobre cujos territórios avança a frente de expansão. Entre a fronteira demográfica e a fronteira econômica está a frente de expansão, isto é, a frente da população não incluída na fronteira econômica. Atrás da linha da fronteira econômica está a frente pioneira, dominada não só pelos agentes da civilização, mas, nela, pelos agentes da modernização, sobretudo econômica, agentes da economia capitalista (mais do que simplesmente agentes da economia de mercado), da mentalidade inovadora, urbana e empreendedora (Martins, 2009, p. 138).

Assim trazemos tal conceito em nosso estudo por pensar como Moreira que ao estudar as relações interétnicas na sociedade afro-luso-indígena, e os povos originários (Puris e Botocudos) na obra “Espírito Santo Indígena”, afirma: “O que existe de mais comum, regular e repetitivo no processo de repovoamento e colonização do Brasil colonial, imperial ou republicano é a ‘situação de fronteira’, criada justamente pelo encontro de diferentes etnias e grupos sociais num tempo e num lugar determinados” (Moreira, 2017, p. 66).

Voltando a Martins, tomamos suas palavras para concluir esta subseção: “A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o outro se torna a parte antagônica do nós” (Martins, 1997, p. 152).

3. METODOLOGIA/PROCEDIMENTOS

Realizou-se uma pesquisa qualitativa quanto à abordagem e exploratória quanto aos fins, já que a pesquisa visa analisar a narrativa do desfile da Escola de Samba Mocidade Unida da Glória, realizado em 2023, no carnaval do Espírito Santo-ES, Brasil. O desfile levou para a avenida a história da cidade capixaba de Colatina, que tinha completado 100 anos em 2021. A cidade, que se desenvolveu nas margens do Rio Doce, está localizada a noroeste do Estado do Espírito Santo (embora a cidade seja conhecida como princesinha do norte), a 129 km da capital, Vitória.

A história da cidade se confunde com a história do Vale Capixaba do Rio Doce. Uma história marcada por conflitos, a começar com a declaração de guerra aos povos originários, passando pela “caça” aos escravizados foragidos até o conflito mais recente entre a Samarco Mineração S/A – empresa controlada pela BHP Billinton, e indígenas, quilombolas e ribeirinhos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, ocorrido em 05 de novembro de 2015.

Para ser fiel ao contexto em que realizados nossa pesquisa, vale discorrer um pouco mais sobre este último fato. Este desastre ambiental, social e econômico foi considerado na época algo jamais visto no Brasil e um dos maiores do mundo, pois lançou na bacia do rio Doce mais de 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos de

minério. Segundo notícia publicada no site do Ministério Público Federal

A força destrutiva da lama não poupou nada nem ninguém em seu caminho. Tudo o que pulsava e respirava, ou tudo que simplesmente estava ali, como obra do homem guardando memórias e afetos de séculos de história, foi impiedosamente devastado. [tal fato levou] Samarco, Vale e BHP Billinton a responder por nove tipos de crimes contra o meio ambiente, que envolvem crimes contra a fauna, flora, crime de poluição, contra o ordenamento urbano e patrimônio cultural (MPF, 2016).

Foi neste contexto e no contexto da pós-pandemia da COVID 19 que se deu o desfile aqui analisado. A *corpora* principal da pesquisa, à luz do conceito de interseccionalidade, consiste nas gravações da transmissão feitas pela TV Gazeta de Vitória (2023) e pelas TV Brasil e TVE (2013) dos Desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval de Vitória-ES, e Mug 2023 – desfile completo (campeã) (TV BRASIL; TVE, 2023).

4. A MUG NO CONTEXTO DO CARNAVAL CAPIXABA E O DESFILE DE 2023

A Associação Recreativa e Cultural Mocidade Unida da Glória, conhecida apenas como Mug, é uma escola de samba capixaba que começou a tomar definição em 1960. Depois de assistir partidas do time Leão da Glória, as pessoas acompanhavam a reunião com batuques, fazendo surgir mais tarde o Bloco Calção Vermelho do bairro Glória (Associação, 2019).

Na década de 80 um outro bloco chamado Pantera Cor-de-Rosa, localizado em Jaburuna, foi extinto e seus participantes se integraram ao Calção Vermelho através da promoção de Ivan Ferreira. Sendo assim, em 09 de agosto de 1980 surge a Mug. O bloco já recebe prêmios a partir de 1982, tomando como primeiro lugar no campeonato do município de Vila Velha com o enredo "Meu Brasil brasileiro" (Associação, 2019).

Em 1984, 1986 e 2008 a Mug foi campeã dos grupos de acesso e como participante do Grupo Especial foi campeã do Carnaval de Vitória-ES em 2003, 2005, 2011, 2013, 2015, 2016, 2018 e 2023 (Enciclopédia, 2023). Vale registrar que em julho de 2020 a Mug filiou-se à Federação das Fundações e Associações do Espírito Santo (FUNDAes, 2020), uma instituição formada por entidades do Terceiro Setor, fortemente ligada às grandes empresas do Espírito Santo como a própria ArcelorMittal, antiga Vale do Rio Doce.

4.1 "MINHA MUG VAI BRILHAR, A IMAGEM MAIS PERFEITA"

Em 2023 a Mug foi a quinta escola a entrar na avenida, das sete que desfilaram do Grupo Especial. A primeira escola a desfilou foi a Piedade, a escola mais antiga da Grande Vitória, localizada no Morro da Piedade, habitado, majoritariamente em seu princípio, por "ex-escravizados, no pós-abolição, sendo, portanto, o berço da cultura identitária negra da cidade." (Silva, 2022, p. 142). Mantendo sua tradição, o enredo do samba da Piedade foi "Bino Santo e as lutas que ecoam no morro". Uma homenagem a São Benedito que, juntamente com Nossa Senhora do Rosário, são os santos padroeiros das pessoas pretas.

O desfile da Mug em 2023, com samba enredo intitulado "A Caminho das Terras do Sol Poente", contou com 3 alegorias, 2 tripés, 21 alas e 1200 componentes. O primeiro setor do desfile sintetiza parte da história da região. Foi em 1572 que chegaram ao Vale do Rio Doce os primeiros exploradores, mas por três séculos os indígenas, denominados pelos portugueses de Botocudos, resistiram à colonização. Não há, nesse primeiro setor, uma menção direta da participação do povo negro no processo de colonização do solo colatinense, isto é, da escravidão africana presente na região como substituta da mão de obra indígena.

Abrindo o desfile, a comissão de frente, denominada “Atenção, o tempo é passageiro”, nos convidava a uma viagem pela história com Leões (símbolo da Mug) bilheteiros (lembrando a Estrada de Ferro Vitória-Diamantina que depois da expansão passou a ser a Vitória-Minas) juntamente com um viajante aventureiro. A seguir, o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira trouxeram para a avenida uma representação do pôr do sol, que é um dos símbolos da cidade. Logo atrás, seguia toda uma ala de “Índios Botocudos”, o povo originário do local onde nasceu a cidade de Colatina. A ala 02, intitulada “Primeira expedição dos desbravadores”, era composta por pessoas vestidas de trajes europeus, mais especificamente portugueses, descrevendo-os como “pioneiros do processo civilizatório”.

O segundo setor lembra a fase da república a partir 1889, passando por fatos marcantes como a inauguração da Estrada de Ferro Vitória-Minas em 1904 e a transferência da sede da cidade de Linhares para Colatina em 1907 e, claro, a elevação da localidade à categoria de município em 1921, nove anos antes do final da primeira República em 1930. Este tempo foi marcado por um grande crescimento econômico sob o domínio dos coronéis, com destaque ao coronel Alexandre Calmon, que em 1916 liderou a Revolta, que chegou a fazer de Colatina a capital do estado, conhecida como Revolta do Xandoca. Uma ala representou os Jagunços do Calmon.

Assim seguia o desfile com a ala 3, ala das baianas (Dama de vanguarda - Dona Colatina), que fazia referência ao nome da cidade, escolhido para homenagear Da. Colatina, esposa de Muniz Freire, que foi governador do estado por dois mandatos (1892 -1996; 1900 – 1904). Na ala 4 tínhamos uma coreografia denominada “Raízes da civilização”, que fazia referência às três etnias presentes na região: indígenas, negros e brancos (Aliás, essa é a única vez que aparecem os negros). Logo atrás uma passista com a fantasia “o garbo da natureza” precedia o carro “Abre-alas: os trilhos da História – a Maria Fumaça”.

4.2 “O PROGRESSO ECOOU EM TANTAS ESTAÇÕES...”

Continuando a descrever o desfile em setores, pode-se colocar em terceiro lugar o setor que vai de 1921, fundação de Colatina, até o início da era industrial em 1950. Nesta fase, Colatina chegou a ser a maior produtora de grãos de café do mundo. Neste setor coloca-se o carro da segunda alegoria, (Café – a bebida da princesa. Estão servidos?). Seguindo o carro que exaltava o café vinham os lavoureiros que eram os trabalhadores que colhiam os grãos (França, 2023).

O quarto setor representou a era industrial, que pode ser contada a partir de 1950, depois da crise do café. Neste novo tempo foram criadas fábricas e confecções. Aqui são exaltados os alfaiates e costureiras e o setor têxtil, que é um dos motores da economia da cidade até os dias atuais. Finalmente são representados elementos da cultura, da religiosidade, do entretenimento na cidade: viola caipira, a festa do Sagrado Coração, a Festa do Cafona e o próprio carnaval de Colatina. E o desfile é encerrado com uma alegoria que mostra a grande diversidade da escola hoje (França, 2013).

Assim as alas 06 e 07 mostram os coronéis e jagunços, respectivamente, que foram muito importantes para a repressão dos pequenos donos de terra, que foram dominados e oprimidos por atores sociais que à época comandavam a região.

O “progresso” continuou aparecendo ao longo das alas, como a 08 (“O apito do progresso”), além das referências ao desenvolvimento do café na região, bem como o polo de confecções. Por último, como no ápice da utopia civilizatória de Colatina, há o “El dorado urbano”.

5. LEITURA INTERSECCIONAL DO DESFILE

As narrativas históricas dos “Pioneiros do Vale do Rio Doce” têm uma tradição de exaltar a região como sendo uma nova Canaã, a terra prometida onde corre leite e mel, ou um El Dorado Urbano, como foi denominada a cidade de Colatina, no desfile carnavalesco da Mug em 2023. Um exemplo disso é o romance de Graça Aranha (1902), de nome “Canaã”, que apresenta a região como sendo uma terra de progresso onde corre leite e mel. Trata-se de uma terra sem conflitos. Houve, porém, reações a esta narrativa, como no romance de Agripe Vasconcelos (1947) “Fome em Canaã” que relata os constantes conflitos, emboscadas, massacres, doença e fome, realidades que alguns fazem questão de apagar. Tomando a hipótese descrita acima, de que o desfile da Mug veicula uma narrativa que apaga aspectos da realidade, desenvolve-se aqui uma análise interseccional no intuito de discutir tal hipótese.

5.1 INTERSECCIONALIDADE, DOMINAÇÃO E IMAGENS DE CONTROLE

Percebe-se, ao analisar o discurso veiculado no desfile, que as alas fazem menção constante aos europeus e ao processo de colonização como sinônimo de civilizatório: a ala 02 representa a primeira expedição dos desbravadores, visivelmente uma narrativa que trata os colonizadores como heróis que descobriram as terras novas; na ala 04, são mencionadas as “raízes da civilização”, que conta com trajes semelhantes aos europeus. Ainda, as alas 06 e 07 fazem menção aos “coronéis e jagunços”, respectivamente, de forma romantizada ou, ao menos, não aprofundada o suficiente para mostrar a dominação realizada aos povos originários da região ocupada. Mesmo reconhecendo que a ala que abria o desfile representava a cultura indígena (ala “Índios Botocudos”), fica claro que estes são parte dos que aceitaram a catequese, não a parcela que resistiu à colonização.

À luz de Collins (2017), percebe-se que estes casos são perfeitas imagens de controle, e que de forma tácita pregam a neutralidade e a naturalidade diante das práticas discriminatórias e das injustiças sociais sofridas pelos indígenas. Utilizando a Interseccionalidade como prisma teórico para análise desse processo de genocídio, que foi crucial para o êxito da colonização, entende-se aqui os quatro tipos de domínio (estrutural, interpessoal, disciplinar e cultural) nas relações de poder estabelecidas entre os dominantes e dominados que, nesse contexto histórico-social, resume-se aos europeus e indígenas, nessa ordem. Fica claro o interesse dos dominantes em “[...] minimizar e apagar o funcionamento da dominação em todos os domínios da organização social” conforme assevera Collins (2017, p.25, tradução nossa)². Uma análise interseccional do desfile demonstra que o mesmo vem reforçar a narrativa que apaga uma série de fatores da colonização, a começar pela catequização dos indígenas, revelando um estabelecimento de *domínio tanto estrutural quanto disciplinar*, afinal, a Igreja é uma instituição e a catequização dos indígenas também resulta no disciplinamento dos mesmos aos padrões europeus. Tal narrativa buscava como justificativa de dominação a recusa à conversão que os indígenas manifestavam, bem como o fato deles serem “antropófagos”. Sua resistência à colonização fez com que sua imagem frente aos colonizadores se tornasse um empecilho, e conseqüentemente a história dos povos tradicionais foi deturpada quando não apagada. Um dos destaques do desfile é a construção dos trilhos da ferrovia a fim de escoar a produção de Diamantina, Minas Gerais, para Vitória, Espírito Santo. A pomposidade do carro alegórico que representa a Maria Fumaça confere naturalidade a práticas discriminatórias e as injustiças sociais, pois sabe-se que a ferrovia foi a última etapa do projeto de opressão aos povos indígenas, para iniciar o tão sonhado “El Dorado Urbano”, presente na última estrofe do samba-enredo.

2 “[...] minimizing and erasing the workings of domination in all domains of social organization” (Collins, 2017, p.25).

Vimos anteriormente que os grupos dominantes consolidam sua dominação por meio das “imagens de controle”, narrativas que servem para conferir a ideia de neutralidade ou naturalidade a práticas discriminatórias, ou injustiças sociais. Temos aqui um claro exemplo disso. À Frente do carro abre alas, a Maria Fumaça, está a passista com a fantasia “O garbo da natureza viva” uma imagem para apagar a destruição que a colonização representou para a região, o outro lado da história da ferrovia que dá suporte a extração e escoamento do minério que não pode ser esquecido. Porém, apesar da região estar experimentando as consequências da lama que impiedosamente devastou e matou tudo o que pulsava e respirava, uma das “imagens mais perfeitas” para ser guardada, a partir do desfile, é a do “garbo da natureza viva” lindamente apresentada na avenida, mas muito distante da realidade vivenciada.

Se o conceito de interseccionalidade revela como a elite apresenta a dominação política “como algo que é comum, normal e até natural, e a resistência à mesma como sendo algo incomum e excepcional” (Collins, 2021, p. 25), o desfile cumpriu bem esta função.

5.2 INTERSECCIONALIDADE E FRONTEIRAS

Logo de início pode-se perceber o tom de quebra das fronteiras apresentado no desfile. Se no Vale Capixaba do Rio Doce as fronteiras permanecem diante dos conflitos entre as diferentes concepções de mundo, no desfile existe perfeita harmonia entre povos originários e o trem, perfeita imagem dos que trazem o progresso. Porém, saindo da fantasia, percebe-se que os desencontros nas fronteiras são históricos. Botocudos e colonizadores, senhores e escravos, proprietários e despossuídos... fronteiras que avançaram até os dias atuais quando o conflito se estende entre mineradoras e atingidos por barragens, entre ambientalistas e desenvolvimentistas.

Por outro lado, podemos também interpretar este início de desfile como sendo uma representação das alianças que foram feitas na região. Pois, segundo Moreira (2017), em meio à crise do sistema escravista, ao aumento das fugas das pessoas escravizadas e a formação de quilombos, houve na região diversas alianças: “a de senhores e índios contra os ‘escravos do mato’ e os quilombolas; e a de ‘escravos armados’ e senhores contra os índios naturais da terra, mesmo em meio à crise do sistema escravista e à intensificação de fugas e da formação de quilombos” (Moreira, 2017, p. 68). Assim consideramos que ainda hoje outras alianças continuam acontecendo para naturalizar certas situações de dominação que ainda permanecem.

Vale ainda lembrar que a forma mais eficaz e sutil de se manter no comando é conseguir o consentimento do dominado. Isto se dá pelos aparelhos privados de hegemonia (imprensa, associações, igrejas e escolas, e assim por diante). Segundo D’Avila e outros (2020), “esses aparelhos objetivam obter o consenso como condição indispensável à dominação”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolas de samba, como visto, são expoentes em integrar diversas áreas, como cultura, saberes, arte, diversão, história e economia. Principalmente no setor cultural, elas têm por necessidade a fidelidade com a história e suas raízes. Porém, nem sempre os espaços formativos populares veiculam uma educação que seja libertadora, transformadora. É isto o que, em nosso entendimento, aconteceu com o desfile da Mug em 2013. Neste sentido, o presente estudo objetivou responder à questão: como a leitura, à luz do conceito de interseccionalidade, do silêncio e do discurso veiculado no desfile da Mug no carnaval de 2023 pode revelar aspectos da realidade que são apagados na forma de ler a história como foi apresentada?

Finalizando nosso ensaio exploratório, concluímos que, à luz do conceito de interseccionalidade de Collins e Belge (2021), fica muito claro que a elite econômica conseguiu apagar muito da cultura dos povos originários, dos escravizados e dos ribeirinhos, através da colonização do norte capixaba com ajuda e uso dos ‘pioneiros’ (Silva, 2021). Lembrando o que dizia Martins (2009), ao afirmar que “atrás da linha da fronteira econômica está a frente pioneira, dominada não só pelos agentes da civilização, mas, nela, pelos agentes da modernização, sobretudo econômica, agentes da economia capitalista” (Martins, 2009, p. 138). Assim, a “imagem mais perfeita” (como diz o samba enredo cantado na avenida), não seria a mentalidade inovadora, urbana e empreendedora que precisa minimizar e apagar o funcionamento da dominação integral nos domínios da organização social da cidade de Colatina e da região do Vale Capixaba do Rio Doce? Não seriam estes que carregam tal concepção de mundo que têm a necessidade de desautorizar as tentativas de resistência e libertação dos despossuídos, do índio, dos pretos, dos ribeirinhos, que são boa parte da população da região?

Concluímos que, no primeiro carnaval pós-pandemia, a escola Mocidade Unida da Glória exaltou o “El Dorado Urbano”, repetindo o discurso que há séculos vem sendo repetido. Desta forma, com nosso estudo afirmamos que é preciso manter senso crítico na forma de construir a história, cuidando para que o real não seja distorcido e manipulado, pois mesmo que não seja essa a intenção, alguns discursos podem patrocinar uma educação que mantém o povo alienado, escravo, dominado, manipulado por uma elite que faz de tudo para se manter no comando.

Desta forma, é preciso estar atento, não aceitar o silenciamento, ou as narrativas reducionistas, pelo contrário é preciso construir narrativas que não mascarem o real. Pode ser que seja isso o que quer nos lembrar o provérbio africano (Nigéria) citado por Mia Couto (2012) em seu livro “A Confissão da Leoa”: “Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre heróis das narrativas de caça”. Enfim, sem a consciência de sua história e da sua cultura os oprimidos não conseguem combater a metódica opressão interseccional.

7 REFERÊNCIAS

Aranha, Graça (1998). *Canaã*. 4. Ed. São Paulo: Ática.

Associação Recreativa e Cultural Mocidade Unida da Glória (2019). Recuperado de: https://vivasamba.com.br/wp-content/uploads/2019/01/enredo_Mug2019.pdf

Cavalcanti, M. L. V. C. (1999). *O rito e o tempo: ensaios sobre carnaval*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Collins, P. H. (2017). The Difference That Power Makes: Intersectionality and Participatory Democracy, *Revista de Investigaciones Feministas*, 8 (1), p. (19-39). DOI: <http://dx.doi.org/10.5209/INFE.54888>

Collins, P. H. , Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo.

Couto, M. (2012). *A confissão da leoa*. [Guarulhos/São Paulo]: Companhia das Letras.

D’Avila, E. C. P. , Kaplan, L. & Lamosa, R. (2020). Os referenciais teórico-metodológicos nas pesquisas sobre políticas públicas de educação ambiental: articulando e aprofundando os conceitos de Estado, sociedade civil e políticas públicas. *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol.15, n.1, DOI: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.2020-15128>

Desfile das Escolas de samba do grupo especial do carnaval de Vitória- ES 11/02. RD OLIVEIRA [YouTube Channel]. Recuperado em 27 de julho de 2023, de <https://www.youtube.com/live/RgV9qAuep6Y?feature=share>

Enciclopédia do carnaval (2023). *Mocidade Unida da Glória*. Recuperado de: https://carnaval.fandom.com/pt/wiki/Mocidade_Unida_da_Gl%C3%B3ria#:~:text=A%20Associa%C3%20HYPERLINK%20%22https://carnaval.fandom.com/pt/wiki/Mocidade_Unida_da_Gl%C3%B3ria%22%22

França, Brunela (2023, 12 de fevereiro). Carnaval 2023: MUG desfila nos trilhos da história de Colatina em busca do título. *Prefei-*

tura de Vitória. Recuperado de: <https://m.vitoria.es.gov.br/noticias/carnaval-2023Mug-desfila-nos-trilhos-da-historia-de-colatina-em-busca-do-titulo-47024>

Fundaes (2020). “*Seja bem vinda Associação Recreativa e Cultural Mocidade Unida da Glória à “roda” da Fundaes*”. Recuperado em 27 de julho de 2023, de: <https://fundaes.org.br/2020/07/20/seja-bem-vinda-associacao-recreativa-e-cultural-mocidade-unida-da-gloria-a-roda-da-fundaes/>

Gohn, M. G. (2010). *Educação não-formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez.

Jacobucci, D. F. C. (2008). Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. *Em extensão*, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 55-66. DOI: <https://doi.org/10.14393/REE-v7n12008-20390>.

Martins, J. S. (1997). *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec.

Moreira, V. M. L. (2017). *Espírito Santo indígena: conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860*. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo, 2017.

Mug 2023 - desfile completo. (campeã). TV BRASIL; TVE. “Mug 2023 - desfile completo. (campeã)”. Instagram @novidadesdo samba [Youtube Channel], 15 fev. 2023. Recuperado em 27 de julho de 2023, de <https://youtu.be/DbY77QQtRUK>

Reis, R. C. (2019). *Os Botocudos no Vale do Rio Doce*. Volume 4. Vitória: Editora Mil Fontes.

Sales, S. C.. Nunes, P. S. (2021). Mulheres negras nas imagens de controle: da construção de imaginários racistas à imposição de lugares subalternos na mídia [Trabalho completo]. *Anais [...]* 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom – Virtual, 4 a 9/10/2021. Recife. Recuperado de: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69690>

Silva, E. O. (2021) Espírito Santo dos séculos XIX e XX, o caso do norte do estado: economia, política, imigração e colonização [Trabalho completo]. *Anais [...]* Simpósio Nacional de História, 2021, Rio de Janeiro. ANPUH - Brasil. Recuperado de: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628377473_ARQUIVO_96aed8f67740e95633d55411c9a9e2ac.pdf

Silva, M. V. S. (2022). A Casa de Memória Raízes da Piedade – acervo, memória e histórico do samba e carnaval de Vitória-ES. *Revista Eletrônica Ventilando Acervos*, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 140-148, jul. 2022. ISSN: 2318-6062.

Vasconcelos, A. (1966). *Fome em Canaã*. Belo Horizonte: Itatiaia.

Agradecimento

Agradecemos ao Instituto Federal do Espírito Santo pela bolsa de Iniciação Científica.